

**Monte dos Castelinhos**  
*(Castanheira do Ribatejo)*  
**Vila Franca de Xira**  
*e a Conquista Romana do Vale do Tejo*



## Os projéteis de funda de Monte dos Castelinhos e a dispersão destes materiais no território português

A identificação de elementos inequívocos de armamento itálico em Monte dos Castelinhos constitui um dos elementos mais substanciais para a interpretação do sítio como local onde, a determinada altura, se terá registado o estacionamento ou pela menos a presença, ainda que pontual, de tropas romanas.

Se estas se encontrariam acantonadas no que teria sido um espaço habitacional, desprovido de natureza militar ou se o sítio poderá entender-se como um estabelecimento castrense de cariz permanente é algo que nesta fase do projeto não é de todo claro e só o evoluir da escavação o poderá virtualmente determinar.

O dado mais consistente em que se fundam estas considerações reside na circunstância de, até à campanha de 2012, se terem identificado três projéteis de funda em chumbo, assim como diversos elementos que atestam a fundição deste metal e o fabrico através da técnica de martelagem de glandes *plumbeae*.

O processo de escavação permitiu enquadrar com rigor a presença destes projéteis na estratigrafia do sítio. Estes encontravam-se depositados em contextos bem datados entre 50 e 30 a. C., podendo, dentro do faseamento da estação, ser associados ao momento de destruição generalizada do local. Contudo os elementos que atestam o seu fabrico, e inclusive uma rara glande identificada em processo de produção, estão relacionados com os níveis de ocupação associados a espaços arquitetónicos concretos.

Importa, deste modo, interpretar e compreender a ocorrência destes achados, enquadrando-os no âmbito dos vestígios similares registados no território português.



<sup>1</sup> UNIARQ, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

### As glandes de chumbo e o exército romano do final da república

Os projéteis de chumbo, conhecidos na terminologia latina como *glans plumbeae*, são normalmente associadas a corpos especializadas do exército romano, conhecidos geralmente como *funditores* (fundibulários). Todavia, na literatura especializada, discute-se se estas funções eram acometidas a unidades especiais, ou se seriam exercidas por normais tropas legionárias. Invocam-se a este respeito, duas informações de sentido aparentemente contraditório. Por um lado, sublinha-se a contratação de unidades com especial aptidão no uso deste instrumento, constituídas por indivíduos de determinadas origens: citam-se nomeadamente os Baleares (Veg. 1.16) e a sua destreza no uso deste instrumento ou a excelência dos fundibulários da Acaia (Plb. 6.61.2), ainda que na Grécia se atestem com frequência diferentes origens para estes corpos especializados: málios, ródios, acarnianos, tessálios, etólios, etc. É precisamente um contingente com esta última proveniência que se encontra presente no cerco de Numância, como o tornam patente algumas inscrições em glandes aí recolhidas.

Em sentido distinto a esta especialização parecem orientar-se as informações de Vegécio, segundo as quais se recomenda a aprendizagem do uso da funda aos elementos mais jovens do exército e uma referência epigráfica.

Na terminologia latina, particularmente em Vegécio (3.14), regista-se, a par deste, o termo *fustibalatores* para denominar o grupo de tropas que manobra o *fustibalus*, instrumento similar, que associa um bastão a um elemento de couro, enquanto que a funda seria de linho ou seda. Ambos projetariam, segundo este mesmo texto, elementos pétreos e não as conhecidas balas de chumbo a que aqui aludimos. Trata-se, naturalmente, de uma alteração bem conhecida e que se encontra iconograficamente bem documentada na coluna de Trajano, onde se representam em ação estes mesmos elementos auxiliares do exército, que recolhem no manto os projéteis de pedra de que necessitam.

Vegécio (1.16) põe em evidência as vantagens do uso da funda em contexto militar, sublinhando os efeitos que pode causar nos inimigos e a necessidade de difundir o seu uso na generalidade das tropas. Este autor do período tardo-romano põe em evidência a continuidade cronológica do uso da funda, mas da sua obra decorre igualmente que os projéteis a que alude não têm que ver com os elementos de chumbo que se registam no sítio do Monte dos Castelinhos e com o amplo conjunto de objetos similares atestados em âmbito hispânico.

Embora o uso da funda se possa encontrar em contextos cronológicos muito amplos, no que diz respeito à sua associação com a presença romana na Península Ibérica o recurso a esta arma encontra-se especialmente atestado no final da República, registando-se arqueologicamente, de modo muito particular, no decurso dos conflitos internos de Roma, em concreto nas Guerras Sertorianas e nas que opõem César aos pompeianos. De facto, entre os mais importantes achados deste tipo de materiais, encontram-se precisamente conjuntos que, pela informação de natureza epigráfica ou pelos elementos de natureza histórica, se associam a esses dois acontecimentos.

As inscrições que foram apostas neste tipo de materiais constituem um dos aspetos mais salientes dos materiais provenientes da Hispânia e a sua abundância explica-se pela necessidade de legitimação sentida pelos seus responsáveis. Tanto Sertório como Pompeio, perante as situações de ilegalidade, procuravam suprir essa carência através desse processo de propaganda com forte impacto, que se repercutia, em primeiro lugar, nas suas próprias tropas.

Uma recompilação dos dados de natureza epigráfica produziu recentemente um quadro de distribuição geográfica dos projéteis inscritos associados a esses dois núcleos de ações militares em âmbito hispânico.

Ao primeiro se atribuem tanto os indícios deixados pelas tropas sertorianas, que propagandearam as virtudes do seu chefe, mais abundantes, como as do defensor dos interesses de Roma, Cecílio Metelo. Em relação a este último sobreleva o conjunto de Azuaga, Badajoz. Os vestígios reportáveis a Sertório, apresentando-se geralmente na sua qualidade de procônsul ou propalando as suas virtudes (*pietas, fides, ius*) distribuem-se<sup>2</sup> especialmente pelo Nordeste hispânico, em particular pelo vale do Ebro e território vasco - províncias de Huesca, Zaragoza, Navarra, Alto Douro e Alto Tejo - província de Guadalajara, correspondentes aos conflitos na Hispania Citerior. Um outro núcleo importante regista-se na Andaluzia e respeita à acção na Ulterior de Sertório ou do seu lugar-tenente Hirtuleio. No sítio de San Sixto, Encinasola (Huelva) proporcionou, para além de outros, igualmente dois exemplares epigrafados com a legenda Q. SERTORI / PRO COS, que se atribuem geralmente aos primeiros momentos da acção sertoriana na zona do Guadiana. A proximidade deste lugar com a fronteira portuguesa, poderia colocar os episódios que decorrem até à morte de Hirtuleio, em particular as ações de Metelo na Lusitânia, em relação com alguns dos objetos similares que se identificaram no território português do vale do Guadiana. No que concerne ao período das Guerras civis entre pompeianos e cesarianos, constata-se

<sup>2</sup> Para a distribuição destes achados v. Díaz-Ariño, 2005, a que se adiciona um conjunto, de divulgação recente, ligado com a batalha de *Munda* (Pina; Zanier, 2006).

uma especial concentração de projéteis de chumbo inscritos em terras andaluzas, nas áreas correspondentes ao cerco de *Ategua* e, em particular, num amplo território em torno ao que se supõe ser o lugar onde terá decorrido a batalha de *Munda*.

Os exemplares de Monte do Castelhinho, pelos dados estratigráficos referidos, parecem enquadrar-se igualmente neste mesmo âmbito cronológico cesariano, ainda que não seja possível determinar a natureza das ações militares concretas a que se poderiam associar. No entanto, a contextualização dos artefactos sem epigrafia coloca algumas questões, especialmente complexas nos casos em que os indícios de que dispomos sobre a sua proveniência e enquadramento são pouco esclarecedores. De qualquer modo, tratar-se-ão apenas os casos em que temos garantias consistentes de que o seu aparecimento tem que ver com sítios arqueológicos identificados, maioritariamente de escavações arqueológicas. Excluir-se-ão, por isso, todos aqueles exemplares que, apesar de divulgados por diversas formas, resultam de outro tipo de pesquisas em sítios mal identificados e sem qualquer garantia de associação a contextos determinados.

Apesar disso, em relação a alguns dos achados, especialmente os achados isolados, desconhece-se o contexto preciso (um número significativo corresponde a achados antigos), numa parte dos casos é possível determinar reconhecer nos sítios outros elementos cronológicos compatíveis com os que habitualmente se apontam para estes materiais. De uma maneira geral apresentam-se como achados dispersos, mesmo quando originários de um mesmo local, sendo raros os casos em que podemos falar de contextos de produção e de armazenamento. Por isso se reveste de um carácter excepcional o abundantíssimo conjunto descoberto nas proximidades de Azuaga, Badajoz constituído por cerca de 1900 projéteis de chumbo alguns dos quais com o nome de *Quinto Cecílio Metelo*, associando-se, deste modo, a um processo de produção destes objetos no âmbito das campanhas contra Sertório. Um número similar atestou-se num dos mais antigos achados peninsulares, registado em Ampúrias, cujo montante ascende a 1406 balas. Relevante igualmente um conjunto de cerca de 500 espécimes, encontrado junto a Lorca, Múrcia que se considerou associado às Guerras civis entre César e os pompeianos.

Por estes exemplos, outra evidência arqueológica e pelas informações que decorrem de uma breve passagem do corpus cesariano (Bell. Afr. 20.3), tudo indica que os projéteis de funda eram tão fáceis de fabricar que podiam produzir-se pouco antes do conflito ou mesmo enquanto se combatia. Neste contexto cronológico e em âmbito peninsular registavam-se condições particularmente favoráveis à produção destes objetos: desde logo

pela proverbial riqueza metalífera da Hispânia; depois pela grande facilidade com que se poderia moldar este metal. Por esta razão não se considera, por via da regra, a preocupação em recuperar este material, uma vez usado ou quando se abandona o acampamento. De uma forma geral, considera-se que estes projéteis se encontram em zonas de conflito, associando-se, em primeiro lugar, a estruturas de carácter militar onde é possível reconhecer o estacionamento de tropas por determinados períodos, quer se trate de acampamentos de legiões, como acontece no caso dos projéteis de Numância ou Chões de Alpompe, quer se liguem a estabelecimentos de unidades mais pequenas, à semelhança da Lomba do Canho ou do Castelo da Lousa.

Todavia, há que considerar outros casos, dado que a presença destes achados se liga também a movimentações militares, em operação de cerco e ataque a posições ou de combate em campo aberto. Neste âmbito poderá caber uma boa parte dos casos, sobre os quais não dispomos de elementos que garantam a sua natureza militar.

A caracterização dos sítios é dificultada ainda pela falta de elementos cronológicos. Em Portugal, os sítios que nos permitem uma datação e um estudo significativo destes materiais são o Castelo de Lousa (Mourão) e o acampamento da Lomba do Canho (Arganil), principalmente este último, cujos materiais numismáticos e achados cerâmicos permitiram delimitar uma ocupação entre 75 e 40 a. C.

Apesar destas limitações e tendo em conta o aumento substancial dos achados de projéteis de chumbo, pensamos que se justifica reavaliar este tipo de materiais e procurar estabelecer uma relação entre eles e as ações militares dos finais da república romana.

### **Dispersão de glandes de chumbo no território português**

Desde o trabalho de síntese, que um de nós elaborou no já distante ano de 1987, o panorama da distribuição deste tipo de materiais alterou-se substancialmente, sendo pertinente fazer o ponto da situação e cartografar de novo as novas ocorrências. Sublinhe-se que os conjuntos continuam a ser, por via da regra, pouco numerosos e parcos em informação; o único achado de dimensão considerável (o de Casal de Tamazim) é referido de forma muito sumária na literatura especializada e, para além disso, desconhece-se o seu paradeiro atual.

Por outro lado, ao contrário do que se verifica em muitos outros contextos hispânicos, os exemplares identificados em território português não apresentam qualquer informação de natureza epigráfica que permita uma associação dos materiais a movimentos ou

ações militares concretas. Acresce que em muitos dos casos estamos perante achados sem contexto, o que inviabiliza uma atribuição cronológica precisa, limitando a hipótese da sua vinculação com um dos vários episódios bélicos que marcam os primeiros séculos da presença romana na Hispânia.

Apesar desta aparente escassez de elementos, o exercício que implicou a este trabalho permitiu redesenhar o panorama da distribuição destes projéteis e, assim, reconfigurar, numa perspetiva atual e com uma mais ampla massa de dados, as dinâmicas do processo de conquista romana no Ocidente peninsular.

Devemos questionar-nos em primeiro lugar, sobre o significado histórico deste tipo de materiais. Ainda que se correspondam a elementos ligados à presença de tropas, o seu aparecimento não deve significar necessariamente que a sua presença identifique sítios de índole castrense. Mas já nos parece mais plausível usar estes artefactos como indícios de uma determinada evolução das movimentações militares ao longo do território. Tendo em conta, porém, a sua habitual ligação com um núcleo muito concreto de conflitos - essencialmente as guerras civis que decorrem entre a rebelião sertoriana e a derrota dos partidários de Pompeio, o que abarca um período que não ultrapassa os 40 anos - este tipo de vestígios poderá converter-se num indicador interessante para compreender alguns momentos decisivos do domínio romano ou uma achega importante para definir a natureza dos sítios.

A ausência de elementos epigráficos nas glandes plumbeae provenientes do território português coloca sérios problemas a uma eventual associação destes objetos com factos concretos das movimentações militares do final da república. Qualquer proposta nesse sentido corre sempre o risco de se basear em conjeturas mais ou menos infundadas ou no encadeamento de hipóteses. Recordamos, a título de exemplo, que vários projéteis se identificaram no sítio de Segóvia (Elvas), nas escavações aí realizadas nos anos 70. Tomando como base o topónimo atual, os relatos dos acontecimentos transmitidos pelas fontes e alguns elementos de natureza arqueológica, Teresa Gamito sugeriu, a determinado momento, que este sítio deveria corresponder à localidade em que *Hirtuleio*, legado de Sertório na *Ulterior*, foi vencido. Os fundamentos em que assenta esta hipótese limitam-se a um texto muito breve e pouco explícito a respeito da geografia dos conflitos e a um elemento toponímico relativamente comum. Todavia, ponderadas as múltiplas questões que se colocam à identificação dos espaços concretos em que decorreram muitas das ações militares que os autores clássicos nos transmitem, a hipótese colocada por Teresa

Gamito reúne condições de natureza linguística, arqueológica e histórico-geográfica que a colocam em melhor posição do que a alternativa de Schulten (1927, p. 142), nomeadamente a possibilidade de se tratar da cidade homónima situada em Castela. Recorde-se, no entanto, que alguns autores (Chic, 1986, p. 174; Spann, 1987, 109-110), tendo em conta um passo do *Bellum Alexandrinum* (57. 6) em que se reporta uma *Segoviam ad flumen Sincilense*, a qual corresponde ao sítio de Isla de Castillo, junto a Écija (Sevilha), apontam uma alternativa que se manifesta mais viável, tendo em conta que Hirtuleio, o legado de Sertório na Ulterior, teria invernado em Italica (Sanctiponce, Sevilha).

De qualquer modo, ainda que seja difícil sustentar que a Segóvia elvense corresponda ao lugar em que pereceu Hirtuleio, é admissível que aí possa ter decorrido algum episódio desse mesmo conflito.

As movimentações militares dos apoiantes da causa sertoriana no sul de Portugal, encontram-se, entre 79 e 78 a. C., associadas pelo menos a dois espaços distintos: por um lado a *Conistorgis*, aglomerado de localização incerta, mas certamente atribuível à zona mais meridional do território português; por outro, à cidade de Dipo, a qual, depois de um forte ataque de Metelo, foi por este tomada. Este importante povoado, que cunhou moeda, tem sido genericamente colocado, de acordo com a interpretação de Saavedra (1862: 92), na área de Elvas. Recentemente foi dedicado ao tema da sua localização um amplo estudo, que opta pela sua colocação nas proximidades de Guadajira, Badajoz (Almagro; Ripollès; Rodríguez, 2009, p. 44). Todavia, com base na análise das vias romanas da região e ligando a interpretação dos itinerários com a epigrafa viária (Alarcão, 1988, p. 98; Guerra, 1998, p. 427-428), sugeriu-se que essa importante praça-forte deveria corresponder à atual Évoramonte. Nesse local, onde se registam imponentes vestígios de cinturas amuralhadas têm sido conduzidos trabalhos arqueológicos, os quais permitiram juntar, ao projétil de terracota já conhecido desde finais do século XIX, outro exemplar idêntico recolhido junto à área do Castelo.

Mais problemática ainda se torna qualquer vinculação dos achados de projéteis no território mais setentrional da Lusitânia com a presença de tropas ou movimentações militares nos finais da República. Em nenhum dos quatro sítios que apresentam estes tipos de vestígios podemos garantir uma associação entre determinados acontecimentos históricos e esses vestígios materiais.

De qualquer modo, uma eventual relação desta mesma área com episódios bélicos de outros períodos, nomeadamente de período sertoriano, não se encontra excluída. Como

um de nós já chegou a sugerir, deveria considerar-se a possibilidade de situar nesta região o famoso episódio do cerco de Metelo a uma *Langobrita*, que poderia, em alternativa às outras hipóteses de Lagos e de uma Lancobriga da região aveirense, identificar-se com a actual Longroiva, Meda, local cujo antigo seria igual a este último, como resulta da documentação epigráfica.

Naturalmente, qualquer tentativa de associar os materiais arqueológicos objeto deste contributo com determinados acontecimentos confronta-se sempre com uma mesma objeção de fundo: a falta de argumentos sólidos, isto é, de uma confirmação de natureza epigráfica semelhante à que se pode apresentar para outros sítios da Hispânia.

Sobreleva, na análise da distribuição geográfica dos vestígios de glandes *plumbeae*, a sua especial concentração no Vale do Tejo, num território cujo centro se situa em Santarém. Esta circunstância não constitui qualquer surpresa, uma vez que corresponde de forma adequada ao peso dessa cidade nas movimentações militares ocorridas no extremo Ocidente Peninsular, especialmente entre as campanhas de *Décimo Júnio Bruto* e o período cesariano.

Tradicionalmente os acontecimentos de cariz militar associam-se tanto à própria *Scallabis* como ao sítio de *Móron*, ao qual se liga em particular o estacionamento das tropas romanas sob as ordens de *Décimo Júnio Bruto*. Ainda que não se encontre completamente resolvida a questão da identidade de *Móron*, predomina a ideia de que este lugar deve corresponder ao sítio de Chões de Alpompe, onde se têm reconhecido uma importante presença militar, compreendida pelo menos entre o último quartel do século II e os primeiras décadas do século I a. C. A questão da duração da vida deste estabelecimento tem sido discutida e, embora o seu terminus não seja consensual, o conjunto numismático aponta para que um momento decisivo de rutura da continuidade tenha ocorrido numa determinada fase do conflito sertoriano, em torno a 80-78 a. C., coincidindo com as ações de *Cecílio Metelo* na Lusitânia. Nestas circunstâncias, seria provável não apenas que esse estabelecimento se encontrasse também ligado a alguns dos episódios deste conflito, como se tornaria viável que pertencessem a este período as *glans plumbeae* aí identificadas.

Quanto aos outros locais do Baixo Tejo em que se identificaram projéteis de funda pouco se poderá acrescentar, uma vez que não dispomos de elementos consistentes para o seu enquadramento histórico e cronológico. Vale a pena sublinhar, de forma genérica, que esta área não corresponde apenas à maior concentração de achados deste tipo, como se consagrou como o principal ponto estratégico e de estacionamento de tropas no extre-

mo Ocidente, segundo a documentação de natureza histórica e arqueológica. Sabemos que a própria *Scallabis* se designou, em determinado momento, como *Praesidium lulium*, interpretando-se estes apelativos como sinais do estabelecimento, em período cesariano, de um importante corpo de tropas. No entanto, pouco se conhece dos vestígios materiais correspondentes a esta presença militar. As escavações levadas a cabo na própria cidade, na área da Alcáçova, proporcionaram duas glandes. Mas esses materiais não têm necessariamente que ver com a circunstância histórica referida.

Deve considerar-se a possibilidade de as unidades militares com que César contou nas suas ações em território lusitano se encontrarem estacionadas nas proximidades de Santarém, não faltando hipóteses que pudessem corresponder ao local da sua instalação. O Alto do Castelo, em Alpiarça, apresenta-se como um desses sítios, mas os dados de que dispomos a seu respeito são bastante vagos. Pelos perfis das estruturas de terra parece um lugar de cariz militar, mas faltam os elementos mais precisos e consistentes, incluindo os respeitantes à sua cronologia.

Mais recentemente, o aparecimento de um conjunto significativo de material bélico, entre o qual se conta um conjunto significativo de glandes de chumbo, no lugar conhecido com o sugestivo nome de Alto dos Cacos, Almeirim, abriu caminho à hipótese de aí se ter instalado, em determinado momento do período republicano, uma qualquer unidade militar. Todavia, a informação existente sobre o sítio baseia-se apenas elementos descontextualizados.

Por fim, ainda nessa mesma região, deve assinalar-se o excepcional espólio encontrado num espaço situado nos limites entre a freguesias de Ulme e de Bemposta, pertencentes respetivamente aos concelhos de Chamusca e de Abrantes, tudo levando a crer que os vários achados atribuídos a esta área possam corresponder a um único sítio arqueológico. O aspeto mais surpreendente reside na sua dimensão - 96 kg de projéteis de chumbo, segundo uma notícia antiga - sugerindo que o conjunto poderia ser constituído por mais de dois milhares de peças, se tivermos em consideração que os objetos provenientes do Casal da Cascalheira pesam, em média, menos de 40 gramas.

Apesar da dimensão do achado, desconhece-se o contexto arqueológico associado a estes materiais e, portanto, a natureza do sítio. Chama todavia a atenção o fato de se situar junto de um dos percursos viários que ligava Augusta Emerita a Olisipo. Aspeto que se confirma pelo facto de nas proximidades se encontrar o sintomático topónimo "Semideiro" e se conservar ainda no local um marco miliário.

Não podemos deixar de expor aqui a nossa perplexidade, quando no decorrer da investigação tentámos localizar no terreno a proveniência do conjunto de glandes depositadas no Museu Nacional de Arqueologia, verificámos que Casal da Cascalheira fica apenas a algumas centenas de metros do sítio de Casal de Tamazim. Porém a fronteira administrativa entre os concelhos de Chamusca e Abrantes passa precisamente entre eles. Serão assim apenas um sítio?

Esta possibilidade é assaz relevante e indicadora de estarmos perante uma zona onde as movimentações militares se fizeram sentir. Por aqui passava a via romana XIV que ligava *Olisipo* e *Scallabis* a *Augusta Emerita*, sendo conhecidos diversos miliários neste percurso e inclusive na zona de Casal de Tamazim.

Segundo a Carta Arqueológica de Abrantes (Silva; Batista; Gaspar, 1999), teria sido em 1936, que foi encontrado no sítio do “Terroal”, junto do casal do Tamazim, o depósito de glandes de chumbo que deu origem à referência de Mário de Saa (1956, p. 256-257). Nessa mesma obra se acrescenta ainda a relevante e inesperada informação de que esse achado teria um peso global de 96 quilos e que foram oferecidas pelo proprietário a pessoas interessadas diversos exemplares dos projéteis. Daqui proviria, presumimos, o conjunto de nove glandes depositadas no Museu Nacional de Arqueologia, dado como originário do vizinho lugar de Casal da Cascalheira.

Por fim, são bem conhecidas, neste final do período republicano, as ações militares de César contra os Lusitanos na região do *mons Herminius* e muito particularmente o conflito com os *Meidubrigenses* (Alarcão, 1988, p. 25-26). Não é possível, nas atuais circunstâncias, relacionar estas movimentações com realidades arqueológicas conhecidas. O estabelecimento militar romano da Lomba do Canho, ainda que inserível neste âmbito cronológico, poderá não ter nada que ver com estas operações. A natureza peculiar do sítio tem sido associada à exploração aurífera identificada na área de Arganil, aspeto que justifica, por si só, a presença militar. Deste modo, uma relação entre os projéteis conhecidos neste sítio e estes acontecimentos históricos ou outros pode não passar de uma ousada conjectura.

Mais problemático ainda se revela o enquadramento histórico dos outros conjuntos portugueses de glandes *plumbeae*, pelo que se deve deixar em aberto esta questão, pelo menos enquanto se mantiver a imensa carência de elementos a seu respeito. A investigação carece de escavações rigorosas e pouco aproveita de achados isolados e verificados em circunstâncias pouco compatíveis com as normativas que pautam o exercício da atividade arqueológica.



<sup>47</sup> Mapa do território atual português com a distribuição dos projéteis de funda.

Temos assim de sul para norte:

**1| Alvor:** Um exemplar depositado no Museu Nacional de Arqueologia e que transitou das coleções do antigo Museu do Algarve. No inventário do MNA está dado como proveniente de Alvor, ainda que interrogada. (Veiga, 2005, p. 343).

**2| Foz do rio Arade (Portimão):** Um exemplar (Peça inédita do acervo do projeto IPSIIS).

**3| Balsa (Tavira):** Três exemplares (Peças inéditas de coleção particular. Agradecemos a informação a Luís Fraga da Silva).

**4| Mértola:** Três exemplares depositados no Museu Nacional de Arqueologia e já publicados por um de nós (Guerra, 1987, p. 170)

**5| Castelo da Lousa (Mourão):** Três exemplares depositados no Museu de Évora (Guerra, 1987). A que se vem juntar mais três exemplares das escavações recentes (Ruivo, 2011, p. 514).

**6| Castelo das Juntas (Moura):** Onde escavações recentes detetaram uma importante estação de época romana republicana, onde se terão recolhido dois projéteis de funda em chumbo (Albergaria; Melro; Ramos, 2008, p. 44).

**7| Povoado da Serra de Segóvia (Elvas),** em cujas escavações, dirigidas por J. Evans e J. Morais Arnaud em 1972, se identificaram "projéteis de chumbo, tão característicos dos locais de batalha entre Romanos e Iberos" (Gamito, 1981, p. 37; Fabião, 1998, p. 236).

**8| Povoado do Castelo de Veiros (Estremoz):** Referência à existência de "várias glandes *plumbeae*" em coleção particular (Fabião, 1998, p. 238).

**9| Anta Grande do Zambujeiro (Évora):** Um exemplar depositado no Museu de Évora (Galamba, 2008, p. 25).

**10| Évora Monte (Estremoz):** Conhecem-se com esta proveniência duas invulgares *glans latericia* (Vasconcelos, 1896). Uma publicada desde à muito por Leite de Vasconcelos e outra recentemente identificada nas escavações de contrato aí efetuadas junto ao Castelo (Costa, 2012, p. 701).

**11| Cabeça de Vaiamonte (Monforte):** Referência à existência de “glandes de chumbo” (Fabião, 1998, p. 201).

**12| Sítio de Raimona (Maфра):** Terão aparecido, em contexto pouco claro, três glandes de chumbo (Cardoso, 2002, p. 93).

**13| Castelo de Torres Vedras:** Em escavações efetuadas na área do cemitério, dentro da cerca do Castelo, foram recolhidas duas glandes (Cardoso; Luna, 2005, p. 70).

**14| Monte dos Castelinhos (Vila Franca de Xira):** O projeto de investigação em torno desta estação permitiu recolher em contexto, três exemplares.

**15| Porto do Sabugueiro (Salvaterra de Magos):** Duas glandes inéditas.

**16| Azeitada (Almeirim):** Duas glandes inéditas.

**17| Vale de Tijolos (Almeirim):** Duas glandes inéditas.

**18| Alto dos Cacos (Almeirim):** Quarenta e nove glandes (Pimenta, Henriques, Mendes, 2012, p. 73).

**19|Casal da Cascalheira|Ulme (Chamusca):** Nove exemplares depositados no Museu Nacional de Arqueologia e já publicados por um de nós (Guerra, 1987, p. 170).

**20| Casal de Tamazim|Bemposta (Abrantes):** Mário de Saa refere o achado no sítio de “Terroal”, do casal de Tamazim de “(...) uma boa provisão de pelotas de chumbo (balas de dois bicos, do feito de bolotas), que serviam aos fundibulários romanos (...)” (Saa, 1956, p. 256-257).

**21| Alcáçova de Santarém:** Duas glandes, provenientes de escavação (Fabião. 2002b, p. 165)

**22| Chões de Alpompé (Santarém):** “(...) avultam os projecteis de chumbo para funda (glandes plumbeae), elementos característicos do exército romano republicano, que conservam ainda rebarbas, indiciadoras de terem sido localmente fabricados.” (Fabião. 2002a, p. 151). No decorrer deste trabalho podemos observar um conjunto de quatro glandes deste sítio, depositadas no MNA.

**23| Foz do Enxarrique (Vila Velha de Rodão):** Três exemplares depositados no Museu Nacional de Arqueologia (Guerra, 1987, p. 170), provenientes dos estratos mais recentes de um sítio conhecido pela sua ocupação paleolítica.

**24| Lomba do Canho (Arganil):** Nove exemplares depositados no Museu Regional de Arqueologia de Arganil (Guerra, 1987), resultantes dos trabalhos arqueológicos aí realizados pelo Prof. Castro Nunes.

**25| Castelo Mendo (Almeida):** Um exemplar, associado a outro material bélico (Perestrelo, 2005, p. 87; 2006, p. 58).

**26| Castelo dos Mouros de Cidadelhe (Pinhel):** Um exemplar (Perestrelo, 2005, p. 85-86; Perestrelo, 2006, p. 59), no decurso de escavação realizadas no sítio.

**27| Carviçais (Moncorvo):** Um exemplar depositado no Museu Nacional de Arqueologia (Guerra, 1987, p.171).



A relevância científica e patrimonial dos resultados das escavações desenvolvidas pelo Museu Municipal de Vila Franca de Xira, desde 2008, na estação arqueológica do Monte dos Castelinhos (Quinta da Marquesa – Castanheira do Ribatejo) destacam-se, quer ao nível nacional, quer internacional. Perante esta nova página da História, que se começa a desenhar, o Museu Nacional de Arqueologia convidou a Câmara de Vila Franca de Xira a organizar uma exposição em torno da temática do Monte dos Castelinhos e o processo de conquista romana no Vale do Tejo. Esta iniciativa apresenta ao público a relevância científica, patrimonial e turística desta invulgar estação arqueológica, local cuja origem remonta ao século I a.C.

